



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-INGLÊS**

MARIA ARIANNY FRANCO JUVITO

O GÓTICO VITORIANO: UMA ANÁLISE DOS CONTOS *NAPOLEÃO E O ESPECTRO* E *O MISTÉRIO DO ELEVADOR*

**GUARABIRA
2024**

MARIA ARIANNY FRANCO JUVITO

O GÓTICO VITORIANO: UMA ANÁLISE DOS CONTOS *NAPOLEÃO E O ESPECTRO* E *O MISTÉRIO DO ELEVADOR*

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/a Coordenação /Departamento do Curso Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof^a. Me. Aline Oliveira do Nascimento

**GUARABIRA
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

J97g Juvito, Maria Arianny Franco.
O gótico vitoriano [manuscrito] : uma análise dos contos "Napoleão e o Espectro" e "O mistério do elevador" / Maria Arianny Franco Juvito. - 2024. 27 f.

Digitado.
Artigo Científico (Graduação em Letras inglês) Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.
"Orientação : Prof. Me. Aline Oliveira do Nascimento, Departamento de Letras - CH".
1. Gótico. 2. Literatura vitoriana. 3. Literatura feminina. I.
Título

21. ed. CDD 820

MARIA ARIANNY FRANCO JUVITO

O GÓTICO VITORIANO: UMA ANÁLISE DOS CONTOS NAPOLEÃO E O
ESPECTRO E O MISTÉRIO DO ELEVADOR

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso Letras Inglês da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 38/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Aline Oliveira do Nascimento
Profa. Ma. Aline Oliveira do Nascimento (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Thais de Matos Barbosa
Profa. Ma. Thais de Matos Barbosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Waldir Kennedy Nunes Calixto
Prof. Me. Waldir Kennedy Nunes Calixto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, por ser meu maior alicerce, e por nunca ter deixado eu desistir de mim mesma e dos meus sonhos, DEDICO.

“Quase posso vê-las, reunidas no convés, com a frente altiva, os cabelos ao vento e, ao fundo, o pavilhão de sua rainha tremulando no mastro. Foram duzentos anos de travessia, mas elas não estão cansadas. São mais do que vitorianas. São vitoriosas” (Márcia Heloisa, 2020, n.p).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O CONTEXTO HISTÓRICO DO PERÍODO VITORIANO	10
2.1	Era Vitoriana	10
2.2	O gótico na Era Vitoriana	12
3	A ESCRITA E INFLUÊNCIA DAS ESCRITORAS CHARLOTTE BRONTË E LOUISA BALDWIN.....	14
4	PERSPECTIVA DA DUALIDADE: análise das obras <i>Napoleão e o Espectro</i> (1833) e <i>O Mistério Do Elevador</i> (1895)	16
4.1	Napoleão e o Espectro: uma noite de aventura entre o espectro e o Imperador Napoleão	17
4.2	O Mistério do Elevador: a aparição	19
4.3	Uma análise a partir de possíveis alucinações entre os personagens dos dois contos	22
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
1.	REFERÊNCIAS.....	25

O GÓTICO VITORIANO: UMA ANÁLISE DOS CONTOS NAPOLEÃO E O ESPECTRO E O MISTÉRIO DO ELEVADOR. TÍTULO: SUBTÍTULO

VICTORIAN GOTHIC: AN ANALYSIS OF THE SHORT STORIES NAPOLEON AND THE SPECTER AND HOW HE LEFT THE HOTEL

Maria Arianny Franco Juvito¹

RESUMO

Ao ser abordada a literatura gótica, é importante destacar a presença feminina nesse meio. Desse modo, esse estudo analisa a importância e as contribuições das escritoras vitorianas Charlotte Brontë e Louisa Baldwin para a literatura gótica, com os seus respectivos contos *Napoleão e o Espectro* (1833) e *O Mistério do elevador* (1895). Com isso, a pesquisa se concentra em estudar como os personagens dos dois corpus passam por possíveis delírios, analisadas a partir da psique humana através da presença (ou não) de figuras fantasmagóricas, que a literatura gótica também proporciona. Esta pesquisa baseia-se em uma pesquisa básica, exploratória e com uma abordagem qualitativa, com base nos estudos de Gerhardt e Silveira (2009) e Gil (2009). Os apoios bibliográficos são utilizados de acordo com cada capítulo, para o contexto histórico do período os estudos de Santana e Senko (2016), para maior entendimento sobre as características de elementos do gótico serão usados Fred Botting (1995), e Fernandes (2020); se tratando das escritoras aqui representadas será usado as contribuições de Márcia Heloísa (2020); e para análise dos dois contos a base da pesquisa será com França (2018), Nascimento (2024) e Márcia Heloísa (2020). Com esses e outros estudos foi realizado a construção desse trabalho, que de acordo com objetivo principal foi possível compreender como os dois contos podem se conectar abordando temáticas da mente humana.

Palavras-Chave: Gótico; Literatura vitoriana; Literatura feminina.

ABSTRACT

When approaching Gothic literature, it is important to highlight the female presence in this environment. This study analyzes the importance and contributions of Victorian writers Charlotte Brontë and Louisa Baldwin to Gothic literature, with their respective short stories *Napoleon and the Specter* (1833) and *How He Left the Hotel* (1895). The research focuses on studying how the characters in the two stories go through possible delirium, analyzed through of the human psyche, as reflected in Gothic literature. This research is based on basic research, exploratory and with a qualitative approach, based on studies by Gerhardt and Silveira (2009) and Gil (2009). References are used according to each chapter, for the historical context of the period, Santana e Senko (2016), for understanding of the characteristics of Gothic elements, Fred Botting (1995) and Fernandes (2020); of the writers represented here, they will be used as contributions of Márcia Heloísa (2020; For the analysis of the two stories, the basis of the research will be França (2018), Nascimento (2024) and Márcia Heloísa (2020). With these and other studies, the construction of this work was carried out, that

¹ Graduanda em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: maria.juvito@aluno.uepb.edu.br

according to the main objective, it was possible to understand how the two stories can connect by addressing themes of the human mind.

Keywords: Gothic; Victorian literature; Women's literature.

1 INTRODUÇÃO

A autoria feminina, no campo literário, enriquece a literatura, servindo também como um meio de libertação para as mulheres. Embora tenham demorado a encontrar seu espaço nesse universo, as lutas femininas ao longo da história têm influenciado diversas áreas. Nesse sentido, o artigo em questão visa destacar a importância da literatura gótica no século XIX, sob a perspectiva das mulheres vitorianas, que conseguiram abrir um espaço significativo em uma época predominantemente conservadora.

Nesta pesquisa, serão analisadas as obras de duas escritoras: Charlotte Brontë e Louisa Baldwin. Seus contos, *Napoleão e o Espectro* (1833) e *O Mistério do Elevador* (1895), estudados além das abordagens clássicas do gótico, analisados sob a perspectiva de como ambas as narrativas se relacionam a partir da presença de fantasmas/espectros, proporcionada pela literatura gótica.

A escolha de estudar a literatura gótica feminina surgiu do interesse em investigar obras que frequentemente não recebem a atenção devida. Dessa maneira, os contos vitorianos mencionados, resgatados na coletânea *Vitorianas Macabras* (2020), servem como base para este estudo, permitindo uma análise que visa ampliar o reconhecimento dessas obras e enriquecer o panorama literário.

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa básica, conforme descrito por Gerhardt e Silveira (2009). Além disso, trata-se de uma pesquisa explicativa que visa esclarecer a importância do aprendizado, seguindo a definição de Gil (2009), que enfatiza a profundidade necessária para entender a realidade.

Segundo tal lógica, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, estudando métodos apropriados para a temática proposta. Segundo Gerhardt e Silveira (2009), as características da pesquisa qualitativa incluem a objetivação do fenômeno e a hierarquização das ações de descrever, compreender e explicar as relações entre o global e o local.

Para fins de organização, nosso trabalho foi dividido em três capítulos principais. No primeiro capítulo, *O Contexto Histórico do Período Vitoriano*, oferecemos uma visão geral do contexto social e histórico da Era Vitoriana, discutindo sua identidade artística e a importância dessa construção para a literatura gótica. Para isso, baseamo-nos nos estudos de Salles (2015), Fritsch e Maggio (2018), Santana e Senko (2016), Fred Botting (1996), e Fernandes (2020), entre outros.

O segundo capítulo, *A Escrita e Influência das Escritoras Charlotte Brontë e Louisa Baldwin*, apresenta uma breve referência biográfica das autoras cujas obras serão analisadas, figuras de grande relevância artística para o período e representativas de seu tempo, cujas obras refletem o espírito da época. Nessa seção, fundamentamo-nos nas pesquisas de autores como Márcia Heloísa (2020), Silva (2018), e Gaskell (2021).

Por fim, no terceiro e último capítulo, *Perspectiva da Dualidade: análise das obras Napoleão e o Espectro (1833) e O Mistério do Elevador (1895)*, analisamos dois contos da era gótica, buscando estabelecer um paralelo entre as obras.

Assim, nas Considerações Finais, traçamos um panorama da correspondência entre as teorias e a análise dos contos selecionados. Isso, a fim de permitir um olhar mais atento à contribuição das autoras vitorianas para o gótico e à literatura na

totalidade, contribuindo para um maior reconhecimento da autoria feminina nesse contexto histórico.

2 O CONTEXTO HISTÓRICO DO PERÍODO VITORIANO

Nesta seção, é abordado o contexto socio-histórico do período vitoriano, essencial para compreender o surgimento, a expansão e as características da arte gótica, com especial foco na literatura, que constitui o objeto deste estudo. Analisaremos as tensões e transformações sociais da época, bem como as marcas históricas que ainda influenciam a sociedade ocidental.

Com base em autores como Salles (2015), Fritsch e Maggio (2018), Santana e Senko (2016), Fred Botting (1996) e Fernandes (2020), este capítulo visa sintetizar, assim, os principais aspectos da Era Vitoriana, oferecendo um embasamento necessário para a análise do corpus da pesquisa.

2.1 Era Vitoriana

A Era Vitoriana, entre os anos de 1837 a 1901, conhecida por representar momento de transformação, foi regida pela Rainha Vitória. Tal recorte histórico gerou grande impacto e prosperidade associada à industrialização, cultura, arte e literatura. Nesse mesmo viés, a Revolução Industrial e o aumento de fábricas, assim como os avanços tecnológicos, propiciaram a crescimento da economia, contribuindo para que esse momento fosse reconhecido como a época do “ouro”.

Em paralelo a isso, o recorte representou também um contexto de diminuição no padrão de vida das classes mais baixas, consequência do rápido crescimento das cidades, e da alta demanda na procura de empregos, buscando uma melhor condição de vida. Da mesma maneira, há o crescente risco a saúde pública, devido ao aumento desproporcional de pessoas em ambientes antes pouco transitados.

Com isso, percebem-se as marcas conflituosas do período, por mais que houvesse inovações em todos os âmbitos sociais, a classe trabalhadora sofreu as consequências do momento, assim como afirma Salles (2015, p. 41):

[...] esses elementos vieram acompanhados de outros que mostravam a decadência desse novo espaço, tais como a poluição gerada pela fumaça das fábricas e pela falta de saneamento básico adequado, as ruas sem pavimentação, o comércio ilegal e as condições de trabalho desumanas, as casas de jogos e os prostíbulos, os cortiços e as favelas onde as classes mais pobres literalmente se amontoavam, os bares e os estabelecimentos onde se realizavam rinhas com animais, os asilos e os manicômios.

Nas fábricas, os trabalhadores entravam com expectativas de um emprego melhor, entretanto, encontravam condições de trabalho precárias, com diárias que duravam em média 18 horas. Além disso, deparavam-se com um salário desfavorável, para sustentar suas famílias. Esse acúmulo de cenários provocou problemas na sociedade europeia, principalmente no que diz respeito a poluição exagerada das fábricas e a ausência de saneamento básico. Além disso, muitas famílias, devido às condições de marginalização social, viviam na miséria, o que contribuiu para o aumento na taxa de mortalidade dessas comunidades. Sobre tais contextos, Fristsh e Maggiam (2018, p. 1) afirmam:

Claro que para tanto crescimento existe também um grande custo social. Surge uma nova classe social, que em inglês é referida no plural – *the working*

classes – formada pelo operariado mal pago das grandes cidades e por outros tipos de trabalho insalubre, como o dos mineiros das minas de carvão do norte e do centro do país.

Assim, toda a classe trabalhadora foi responsável pelo crescimento do país, no entanto, por mais que tenham sido importantes, foram “esquecidos” pelas autoridades, sofrendo com os impactos calamitosos da época.

Mesmo diante das circunstâncias, esse período trouxe também algumas contribuições e avanços sociais, que serviram de influência para o corpo social como conhecemos atualmente. Esses impactos culturais são representados pelas diversas influências, como o aumento das manifestações artísticas, arquitetônicas, literárias e outras inovações que foram significativas tanto em sua época quanto ainda o são na atualidade. Pelo mesmo viés, Santana e Senko (2016, p. 190) afirmam que o período vitoriano foi além dos limites do país:

Eles se expandem para muito além das fronteiras do vasto império britânico, além de se constituir em um sinônimo do próprio século XIX. A sociedade vitoriana exerceu influência sobre boa parte do mundo ocidental, nesse período, desde o estilo de vida até a arte e a indústria.

Na pesquisa, as autoras destacam que a Era Vitoriana promoveu uma expansão global não só da indústria, mas também do uso da língua inglesa, fundamental para a gestão comercial e a comunicação. Esse movimento facilitou a disseminação do idioma e auxiliou a consolidá-lo no cenário internacional. Além disso, o crescimento do comércio e as inovações industriais aumentaram a demanda por produtos, possibilitando a exportação para diversos países, contribuindo assim para consolidar o Reino Unido como uma potência mundial. Aliada à expansão da língua inglesa e aos avanços artísticos, a literatura nesse período ampliou-se exponencialmente, explorando uma diversidade de gêneros, além das poesias românticas, destacou-se também o clássico romance gótico².

Partindo disso, segundo Santana e Senko (2016, p. 214), “ao lado das tradições e das concepções conservadoras daquela sociedade assiste-se também a um universo de mudanças”. Sendo assim, essa ruptura com a tradição é evidente no incentivo de uma parcela da população que buscava transformação, sobretudo mediante manifestações contra as autoridades, que ditavam a favor de uma sociedade que valorizasse a moralidade e as leis da época.

Com essa sequência de eventos e contextos sociopolíticos, a população passou a se manifestar contra o sistema autoritário por meio de protestos em prol da igualdade social, incluindo o direito ao voto feminino. Em uma sociedade majoritariamente conservadora, essas novas formas de expressão também foram incorporadas na literatura, como já mencionado, que expôs os conflitos e decadências enfrentados pela época por meio de obras literárias. Da mesma maneira, para Fabrício e Azevedo (2015, p. 5), o movimento por igualdade de gênero foi marcante: “o século XIX foi caracterizado por várias reivindicações e transformações no âmbito político, social e econômico, pela busca de direitos iguais entre homens e mulheres, seja na vida política ou na civil”. Com a morte da Rainha Vitória, seu legado deixou uma marca

² O romance gótico explora a natureza na sua forma considerada sublime, o que há de mais obscuro no ser humano, contudo, ela não se monta sozinho, ela nasce no inconsciente do leitor, na sua imaginação (Cardoso e Sousa, 2018, p.4).

global, com as revoluções dessa era elevando o Reino Unido cultural e economicamente a partir do século XIX e para os anos seguintes.

2.2 O gótico na Era Vitoriana

O universo gótico é um movimento artístico, arquitetônico e literário marcado por características sombrias, explorando temas melancólicos, ligados à morte e aos mistérios da mente humana. Historicamente, o termo “gótico” referencia-se ao estilo de construções da Idade Média, fortemente influenciado pela arquitetura da Igreja Católica, assim, esse estilo rapidamente se espalhou por toda a Europa, definindo o aspecto das catedrais e monumentos da época. No livro *Gothic* de Fred Botting (1996), a literatura gótica se relaciona nas mais diversas complexidades da mente, assim como:

Associado ao selvagem, o gótico significa elementos imaginários em excesso, dominado pela razão e pensamento não convencional do século XVIII, usando o realismo, simplicidade probabilidade³ (Botting, 1996, p. 2, tradução nossa).

Com base nisso, nas produções literárias do século XVIII, o gótico era frequentemente associado pela maioria da população a “algo ruim”, pois incluía em seus enredos situações incomuns para outros gêneros literários. Suas narrativas eram caracterizadas por elementos exóticos, personagens monstruosos, cenários de cemitérios e castelos, que permeavam toda a trama. Dessa forma, assim como a literatura, a influência gótica foi essencial para a construção das expressões artísticas, que sofreram os impactos dos novos elementos que permeavam a época.

Assim, no século XVIII, o gótico era reconhecido por suas características medievais, que formaram a base desse estilo literário. Com o tempo e as novas descobertas da época, o gótico começou a incorporar novas características, incluindo críticas sociais, impulsionadas por avanços científicos. Inicialmente, o gótico rompeu com os discursos racionais da Revolução Industrial, mantendo-se relevante, embora adaptado às mudanças sociais daquele período.

Semelhante a esses ideais, a escritora Mary Shelly, utilizou dos avanços científicos para a criação do seu romance gótico *Frankenstein* (1818). Nesse sentido, o enredo da obra explora a popularização das máquinas e novas abordagens sobre a mente humana, transmitindo a mensagem de que, embora as máquinas possam trazer benefícios à humanidade, seu uso excessivo ou descontrolado pode ter consequências devastadoras. Conforme explica Fernandes (2020, p. 36):

Levando em conta essa afirmação, *Frankenstein*, de Mary Shelley, seria uma alegoria do excesso de razão iluminista e uma crítica à ética científica. No romance, o jovem cientista Victor Frankenstein é a personificação do homem que adquire conhecimento através do empirismo; a partir das experiências com cadáveres em seu laboratório, Victor dá vida a uma criatura grotesca, em termos contemporâneos, um *outsider*, que acaba matando-o no fim do romance, questionando assim os benefícios (ou malefícios) da ciência.

³ No original: “Associated with wildness, Gothic signified an over-abundance of imaginative frenzy, untamed by reason and unrestrained by conventional eighteenth-century demands for simplicity, realism or probability”.

Nesse contexto, Mary Shelley contribuiu para as narrativas góticas incorporarem temas que explorassem as descobertas científicas, assim como os recessos profundos e aterrorizantes da mente humana. Vale destacar também que, na literatura gótica, as personagens femininas passaram a desempenhar papéis importantes. Inicialmente, na arte, eram frequentemente descritas como frágeis e delicadas em cenários sombrios, mas, ao longo do tempo, essas personagens evoluíram para mulheres fortes que buscavam se desvincular do patriarcado da época. O uso dessas figuras pode ser observado no romance gótico *O Morro dos Ventos Uivantes* (1847), de Emily Brontë, que expõe a opressão das mulheres no contexto da Era Vitoriana e abre espaço para uma crítica sobre essa questão. Por outro lado, o gótico também é visto em outras vertentes, para além da literatura, segundo Fernandes (2020, p.18):

[...] o gótico representa não apenas um movimento literário surgido no século XVIII, mas também toda uma tradição artístico-cultural, abarcando conceitos que vão desde as artes plásticas, música, literatura, moda, até o cinema.

Sendo assim, essa influência estética abriu caminho para novas percepções artísticas, que foram importantes na época. As características sobrenaturais do gótico também influenciaram a cultura moderna, permitindo que, por meio de narrativas, essas expressões fossem adaptadas em várias formas. Nas palavras de França (2016, p. 1):

Através de seus temas e de suas figuras recorrentes, de suas convenções e de seus maneirismos, a literatura gótica consolidou-se como uma tradição artística que codificou, por meio de narrativas ficcionais, um modo de figurar os medos e de expressar os interditos de diversos grupos sociais.

Além dessa tradição artística, que foi importante para o reconhecimento do gótico, no século XIX a era vitoriana também é reconhecida esteticamente por seu estado de luto, que influenciou diretamente na literatura gótica. Devido às mortes em grande escala, surgiu um estado de negação que gerou atração pelos corpos e pela mortalidade. Nesse mesmo sentido, Rainha Vitória manteve-se em luto profundo após a morte de seu marido, vestindo-se por muito tempo com trajes de tons escuros. Esse luto tornou-se uma marca visual da época, influenciando não apenas a moda, mas também o estilo e os temas presentes na literatura vitoriana. Assim, Schmitt no seu livro *Mortes vitorianas* (2010, p. 141), adota tal perspectiva de que a morte no século XIX começou a se naturalizar, sendo a partir do apego ao corpo:

Também no século XIX enunciou um novo entendimento da morte: a morte-tabu, indesejada e, no extremo, negada. Como se fosse possível contorná-la, apegou-se aos corpos, supervalorizou o morto, mantendo-o ao mundo dos vivos. Uma melancólica recusa da efemeridade da vida.

A morte, por sua natureza, é frequentemente interpretada como um fenômeno misterioso e sombrio. Essa associação com a literatura gótica revela uma profunda interação entre os dois, na qual a morte reflete os medos mais obscuros da mente humana, enquanto a literatura gótica consegue expressar esses sentimentos em suas narrativas.

Portanto, o gótico ultrapassou os limites de sua época, influenciando não apenas a cultura, mas também estabelecendo inspirações que moldaram os

elementos do período, criando uma estética única que continua a ser utilizada e reconhecida até hoje.

3 A ESCRITA E INFLUÊNCIA DAS ESCRITORAS CHARLOTTE BRONTË E LOUISA BALDWIN

Com base no que foi exposto no capítulo anterior, adentramos agora na análise das ocorrências e influências significativas do período, considerando os atravessamentos sociais da época. Este capítulo se dedicará a uma breve contextualização de duas autoras que marcaram o cenário feminino na Era Vitoriana: Charlotte Brontë e Louisa Baldwin. Com base em pesquisas de Márcia Heloísa (2020), Silva (2018), entre outros, traçaremos um paralelo entre as contribuições dessas duas escritoras no campo da literatura gótica.

Como bem delimitado no capítulo anterior deste trabalho, o período vitoriano foi um momento de transformação, assim como foi uma época crescente para a literatura, provocando grande progresso para a arte escrita. Entretanto, uma das disparidades mais marcantes desse recorte histórico foi a questão de gênero. Para as mulheres vitorianas, os desafios enfrentados eram imensos: o acesso à educação e à política era restrito, e normas rigorosas de vestimenta deveriam ser seguidas para preservar a moral estabelecida.

De outra forma, até mesmo o que seria considerado "básico" para as mulheres não era permitido. Para as que buscavam desafiar essas normas, através da arte, muitas vezes tiveram suas vozes censuradas, ao exigirem liberdade e igualdade. Mesmo que o período tenha sido regido por um símbolo feminino, a Rainha Vitória, a mesma não apoiava a luta feminina pelo direito de igualdade, em seus debates a rainha tinha falas intolerantes, que não demonstraram suporte a causa feminina, como apresentado por Márcia Heloísa (2020, p. 29 e 30):

Em uma carta ao escritor Theodore Martin, definiu os direitos das mulheres como uma "terrível loucura", afirmando que "Deus criou os homens diferentes das mulheres, então deixem-nos ficar cada qual em sua posição".[25] A rainha, para quem sua condição de soberana era "um cargo desagradabilíssimo",[26] julgava inadmissível que uma mulher *quisesse* participar da vida política do país.

Assim, a rainha, ao proferir discursos conservadores, reforçava a necessidade de manter deveres morais e éticos, o que contribuiu para o aumento da discriminação contra as mulheres. Esse conservadorismo foi um dos fatores que dificultaram a vida feminina na época. No entanto, muitas delas se opuseram a esse sistema opressor, buscando expressar suas vontades em diversos campos de atuação. Como observa Márcia Heloísa (2020, p. 21 e 22):

Mulheres que desafiaram as convenções, batalharam contra todo tipo de adversidade e combateram os mais arraigados preconceitos. Mulheres que, escolhendo rumos alternativos aos prescritos pelos ditames do patriarcado, lutaram por independência e autonomia e se dedicaram à arte — sim, a *arte*: viva, pulsante, necessária, insubstituível.

Dessa forma, o corpo social feminino recorreu a sua voz em diversos contextos, como a arte, a pintura e a literatura, os quais se tornaram ferramentas para expressar e promover o empoderamento feminino, ainda perpetuado e reconhecido na esfera artística. Com isso, a literatura, em particular, tornou-se um espaço onde mulheres

expressavam suas opiniões políticas e sociais, embora muitas optassem por pseudônimos para manter o anonimato. Assim, as escritoras protofeministas⁴ forma pioneiras para representar o movimento feminista, além de confrontarem o sistema através dos seus textos da literatura, como meio de refúgio.

Em decorrência disso, no período destacaram-se as escritoras Charlotte Brontë e Louisa Baldwin, influentes na literatura vitoriana. Respectivamente, Charlotte Brontë (1816-1855), foi uma escritora e poetisa britânica, que também era identificada por seu pseudônimo Currer Bell, tendo seu maior sucesso *Jane Eyre* (1847), que foi aclamado e também muito criticado pelo público da época. A escritora Louisa Baldwin (1845-1925), também britânica, se tornou reconhecida por escrever histórias infantis e contos fantasmagóricos, *How He Left the Hotel* (1895), e também sua participação na coletânea de contos de terror *The Shadow on the Blind and Other Ghost Stories* (1895).

Nesse viés, ao discutir as escritoras protofeministas, é fundamental destacar Charlotte Brontë como uma autora à frente de seu tempo, capaz de transcender as normas sociais da época. Segundo Silva (2018, p. 130) “Fiel à sua convicção, a autora criou heroínas cultas, fortes, lutadoras e firmes na busca pelos seus ideais”. Em muitas de suas obras, Brontë aborda a opressão das mulheres, optando frequentemente por retratar personagens femininas fortes, inspiradas em mulheres próximas a ela. Sua escrita reflete as lutas enfrentadas pelas mulheres, assim como desafia os padrões estabelecidos, promovendo uma visão mais ampla e crítica da condição feminina no século XIX.

Apesar disso, em sua biografia, escrita por Elizabeth Gaskell, sua amiga próxima, revelaram-se alguns momentos mais pessoais em que Charlotte Brontë viveu. Embora fosse apoiadora dos direitos femininos, seus pensamentos sobre liberdade ainda se mesclavam com o conservadorismo, algo comum para a época em que viveu. Esse aspecto pode ser observado em Gaskell (2021, p. 617):

Hoje, entretanto, tendo em vista a evolução dos costumes, sobretudo um olhar diferente para a hipocrisia de se apontar o defeito do outro e “sentar-se” sobre o nosso, os fatos mostram um retrato vívido de uma mulher normal, um ser humano falho como nós, uma talentosa escritora que transformou em romances seculares, dores que partiram seu coração, rasgaram sua alma, mortificaram seu espírito. Desconheço na literatura mundial vida mais trágica que a de Charlotte Brontë.

Apesar de suas conquistas como mulher e escritora, a vida de Charlotte Brontë foi atravessada por adversidades. A autora enfrentou dificuldades financeiras e perdeu seus familiares muito cedo, o que a levou a sofrer recaídas de depressão. Além desses desafios pessoais, Brontë lidou com as pressões sociais do período vitoriano. No entanto, mesmo diante de todas essas adversidades, ela conseguiu encontrar seu lugar no cenário literário, deixando um legado duradouro, que continua a inspirar gerações.

⁴ Protofeministas: mulheres que antecederam ao feminismo, que defendiam as ideologias e igualdade de gênero.

Após discutir as contribuições de Charlotte Brontë para a literatura, é relevante também destacar a escritora Louisa Baldwin que contribuiu com a literatura gótica com seus contos de terror⁵.

Com isso, destaca-se a infância comum de Louisa Baldwin, casada com um homem reconhecido no meio político, além de ser socialmente estável, o que acarretando uma vivência nos padrões da sociedade da época. Apesar das circunstâncias favoráveis a uma existência estável, sua vida foi marcada por conflitos, ao fazer parte de um período conservador e opressor. Após seu casamento e o nascimento de seu primeiro filho, Louisa Baldwin enfrentou desafios em um curto período. Apesar das dificuldades, ela continuou a escrever diversas obras infantis, com destaque para suas histórias fantasmagóricas. Sua resiliência e criatividade permitiram que a autora abordasse temas complexos, mesmo em meio às adversidades do período em que viveu.

Diante disso, é possível traçar um paralelo entre as duas autoras, Louisa Baldwin e Charlotte Brontë. Embora tenham vivido em contextos sociais diferentes, ambas estiveram inseridas na mesma era, enfrentando um período vitoriano que foi desafiador para o corpo social feminino, independentemente da posição social que cada uma possuísse.

Com essa perspectiva em mente, passamos ao capítulo de análise do nosso trabalho, no qual destacaremos dois contos representativos da literatura gótica, cada um associado a uma das escritoras aqui apresentadas.

4 PERSPECTIVA DA DUALIDADE: análise das obras *Napoleão e o Espectro* (1833) e *O Mistério Do Elevador* (1895)

Nesta seção do trabalho, analisaremos os corpus selecionados, que incluem a obra *Napoleão e o Espectro*, publicada inicialmente em 1833 por Charlotte Brontë, e *O Mistério do Elevador*, escrita por Louisa Baldwin e lançada em 1895.

Retomando a contextualização histórica da Era Vitoriana e abordando as temáticas da literatura gótica, é fundamental analisar como essa forma de escrita se relaciona com outros meios, especialmente em sua associação com a psique⁶ humana e as interações entre o real e a imaginação. Nesse sentido, a Era Vitoriana, marcada por intensas pesquisas científicas, avanços na psicologia e reflexões filosóficas, foi crucial para a exploração dos estudos da psique.

Assim para França (2018, n.p.) “as novas concepções científicas sobre a mente humana produziram um sentido de fatalismo que levou à ideia de que o horror⁷ não é o resultado aberrante de monstros raros, mas uma situação incontornável da

⁵ “O que se busca, pois, na literatura de terror é um efeito fantástico que causa perturbação e, também, medo. Não um medo físico e palpável, mas uma sensação de estar em apuros, algo que seja meticulosamente encenado” (Almeida, 2023, p.14)

⁶ “Cada indivíduo é particular, dotado de condições específicas próprias, a sua psique passa a ser conduzida por estímulos e forças interiores e exteriores que levam aos desequilíbrios: neuroses, sintomas físicos, esquecimentos, paranoias, vícios, perda de energia emocional, afastamento da introspecção, manifestação de características negativas, sofrimentos e experiências dolorosas” (Santos, 2017, p.4).

⁷ “O horror é o momento em que o desconhecido acaba” (Ramos e Oliveira, 2018, p. 67)

realidade”. Ao utilizar dessas temáticas, na literatura gótica, é possível observar os reflexos dos estudos psicológicos, juntamente com a distorção da verdade, que ajudaram a unir a realidade com os mistérios mais profundos. Segundo Caputo e Junqueira (2019, n. p.):

ao percebermos o caráter sombrio da psique encerrado no retrato degradado, elaboramos reflexões sobre essa dimensão da mente humana frequentemente relegada ao esquecimento, à reprovação e ao escamoteamento. Ser humano é também ser sombra: se não a reconhecemos como constituinte de nosso psiquismo, ela se manifesta através de subterfúgios não muito agradáveis (na forma de um retrato em decomposição, por exemplo).

Assim, seguindo essa linha de análise, os contos *Napoleão e o Espectro* (1833), de Charlotte Brontë, e *O Mistério do Elevador* (1895), de Louisa Baldwin, podem ser examinados à luz das vertentes da mente humana. Ambos utilizam os possíveis delírios dos personagens principais como tema central, despertando a curiosidade do leitor em suas narrativas assustadoras.

4.1 Napoleão e o Espectro: uma noite de aventura entre o espectro e o Imperador Napoleão

Trabalhando a característica da psique humana que o gótico também aborda, o conto *Napoleão e o Espectro* (1833), de Charlotte Brontë, inicia-se com uma narrativa que, embora não cause sustos imediatos, instiga a curiosidade do leitor sobre o que poderá ocorrer no desfecho da história.

Dessa forma, o conto retrata apenas dois personagens: Napoleão, como uma figura representativa da nobreza, e o espectro, como a criatura responsável por deixar a narrativa assombrada. O conto se inicia durante a noite, criando imediatamente uma atmosfera de medo, uma característica marcante dos contos góticos. Enquanto Napoleão se prepara para dormir, ele ouve, sem muitos rodeios, pequenos sons vindos de seu armário:

Enquanto o recolocava, um gemido profundo, vindo de um armário que estava posicionado em um dos cantos, atravessou seus aposentos. “Quem está aí?”, gritou o imperador, pegando suas pistolas. “Fale ou vou estourar os seus miolos.” A ameaça não produziu mais do que uma rápida risada sarcástica seguida de um silêncio absoluto (Brontë, 2020, n.p).⁸

Essa introdução instiga a curiosidade e o suspense, elementos fundamentais que permeiam a narrativa. Nesse primeiro momento, Napoleão se sente intimidado pelo que estava escutando, e começa instantaneamente a se perguntar se estava delirando ou não: “Pfff!”, exclamou Napoleão, foi apenas uma ilusão de ótica” (Brontë, 2020, n.p). De modo imediato essa “coisa” ri sarcasticamente dele: “Foi?”, sussurrou uma voz oca, em tons misteriosos, próximo ao seu ouvido” (Brontë, 2020, n.p). Após apenas sussurrar para Napoleão, a “criatura” se revela rapidamente como um ser que o personagem nunca havia visto antes, suas características compõem uma figura alta e magra, com uma língua pontuda e um semblante “horripilante”.

⁸ Os contos usados nessa pesquisa são textos originais das autoras sob análise, mas as traduções utilizadas foram feitas por Márcia Heloísa, na coletânea de contos de terror *Vitorianas Macabras*.

Diante dessa perspectiva, Guimarães (2020, p.131) afirma que “essa multiplicidade revela uma mudança radical na forma como o corpo humano era entendido na era vitoriana, reimaginando o que significa ser e parecer humano”. Em outras palavras, dentro do campo da literatura gótica, o autor mostra como as características podem causar impacto ao leitor.

Trazendo esse pensamento de Guimarães (2020) para o conto, após esse primeiro reconhecimento entre os dois personagens, Napoleão de imediato se assusta e não consegue acreditar no que vê. Após isso, na próxima cena, o leitor é acometido por certa curiosidade, pois mesmo com medo, o personagem Napoleão começa instantaneamente a seguir a criatura e, quando menos espera, já está do lado de fora dos seus aposentos:

“Louvável Espírito”, disse ele, tremendo no ar gelado da noite, “me permita retornar para vestir um casaco. Logo estarei de volta com você.” “Em frente”, respondeu secamente seu companheiro. Ele se sentiu forçado a obedecer, apesar da indignação que quase o sufocava (Brontë, 2020, n.p).

A partir disso, a submissão que o espectro exerce sobre Napoleão leva o leitor a questionar que força sobrenatural é essa que faz o Imperador segui-lo durante a noite, mesmo temendo a criatura. Ao deixar sua residência, Napoleão se depara, no primeiro local que visita, com um baile à beira do rio Sena, que a princípio parece uma festa normal. No entanto, em pouco tempo, ele se assusta ao perceber o que realmente está acontecendo:

Uma fila de figuras femininas vestidas com todo o luxo se encontrava diante deles. Em suas cabeças, usavam guirlandas com as flores mais belas, mas seus rostos estavam ocultados por máscaras medonhas, representando a face da morte (Brontë, 2020, n.p).

Nesse momento, é evidente que a aceitação de Napoleão não ocorre de imediato. Assim que ele entra no baile e avista as “máscaras medonhas”, começa a compreender a gravidade da situação, questionando-se: “Onde estou? Por que fui trazido até aqui?” (Brontë, 2020, n.p). Em toda narrativa, Napoleão pergunta ao Espectro qual o intuito da sua aparição, assim como o porquê de ir aquele baile, mas em nenhum momento a criatura fala o porquê de escolhê-lo, e em toda narrativa não é explicado qual o intuito real que o espectro tem sobre Napoleão. Seguindo essa perspectiva: “a percepção da loucura como expressão de desorientação, de alienação e de irracionalidade está estreitamente ligada à natureza do gótico” (Martinho, 2010, p. 48). Buscando um diálogo direto com o conto, ao usar essa percepção de “desorientação”, Napoleão não consegue entender o que está acontecendo e pouco tempo depois se depara com uma conhecida no baile, que de imediato e sem explicação alguma, volta para realidade. Assim, perplexo e sem entender nada, procura a criatura, mas ela some sem deixar rastros:

“*Mon Dieu!*”, exclamou o imperador, “como tudo isso aconteceu? Onde diabos está Piche?” “Piche?”, perguntou a imperatriz. “O que vossa majestade quer dizer? Não seria melhor deixar estes aposentos e descansar?” (Brontë, 2020, n.p).

Dessa forma, a autora deixa o leitor em dúvida sobre o que realmente ocorreu, pois a criatura aparece apenas para um protagonista, e quando outro personagem se envolve, a aparição desaparece. Explorando a temática dos desdobramentos da

psique humana, essa situação pode ser interpretada como um possível delírio do protagonista, que, ao final do conto, revela que, na verdade, nunca esteve acompanhado no baile:

Vossa majestade entrou alguns minutos atrás em sua camisola com um olhar fixo e com os olhos arregalados. Suponho, pelo seu espanto, que tenha percebido que veio até aqui ainda dormindo.” Imediatamente, o imperador caiu em um estado de catalepsia⁹ e continuou assim durante toda a noite e boa parte do dia seguinte. Some sem deixar rastros (Brontë, 2020, n.p).

A partir dessa reação, o leitor começa a questionar se o que realmente aconteceu foi uma alucinação ou um delírio mais profundo do personagem principal. Além disso, a narrativa não oferece explicações sobre o motivo pelo qual o espectro escolheu o Imperador Napoleão como alvo; não há diálogo entre eles, apenas frases frias e objetivas. Por fim, o final também permanece em aberto: a autora não esclarece o desfecho nem o intuito real da narrativa. Assim, ao “brincar” com a mente do personagem, ela também instiga uma dúvida psicológica no leitor.

4.2 O Mistério do Elevador: a aparição

Dando sequência a análise, o conto *O Mistério do Elevador* (1895), de Louisa Baldwin, inicia-se com o narrador-personagem, já nomeado de “ascensorista”, dessa forma, fora contratado para trabalhar como operador do elevador em um hotel de luxo.

No início da narrativa, a autora deixa em aberto a relação entre o mistério e o conto, como indica o trecho a seguir: “fiquei lá por um ano e estaria até hoje não fosse por uma circunstância — vou relatá-la em breve” (Baldwin, 2020, n.p). Esse momento de suspense, segundo Nascimento (2024) embora não trate especificamente do conto utilizado neste trabalho, aborda questões sobre o suspense nas narrativas, a pesquisa explica que “uma característica importante da narrativa, que intensifica a ambiguidade, é o clima constante de suspense, no qual informações são omitidas e o leitor precisa supor o que o narrador está propondo” (2024, p. 55). Assim, tal observação destaca a importância de momentos de suspense na narrativa, pois eles envolvem o leitor e o incentivam a mergulhar na história. Após esse primeiro momento de tensão, o narrador-personagem prossegue com a narrativa de forma mais convencional.

Assim, há explicação de como o elevador era importante para além da locomoção dos hóspedes; era o local que todos tinham um contato um com o outro: “Era como uma pequenina sala de estar com almofadas de veludo vermelho, e tudo que você precisava fazer era entrar e deixá-lo flutuar para cima e para baixo, leve como um pássaro” (Baldwin, 2020, n.p).

Fora isso, o ascensorista conta como era seu trabalho, de como era exaustivo receber muitas pessoas do mundo inteiro, além disso, declara como o alarme constante o incomodava. Depois disso, aparece um novo personagem na narrativa, nomeado de Coronel Saxby, hóspede do quarto 210, descrito como um homem comum, evidenciando também as características a seguir:

⁹ “é um transtorno que ocorre em uma grande parte da população. As pessoas que sofrem com esse problema ficam preocupadas por não entender os motivos e muitas sentem atormentadas. Quem tem tais experiências narra que, quando acorda ou ao adormecer, não consegue se movimentar nem emitir voz, enquanto a mente ainda está ativa” (Anderson, 2021, p.13)

Era um homem alto e magro, na casa dos cinquenta anos, com nariz aquilino, olhos bem acesos e bigode grisalho, que mancava por causa de um ferimento de bala no joelho. O que mais me chamou a atenção, porém, foi uma cicatriz de corte de sabre no lado direito do seu rosto (Baldwin, 2020, n.p).

Com essas adjetivações, o ascensorista começa a observar diariamente todas as vezes que o coronel passa pelo elevador. Ligado-se a isso, novamente, o narrador-personagem deixa leitor curioso: “o coronel costumava subir todos os dias de elevador, mas nunca tinha descido até... bem, já vou chegar a este ponto” (Baldwin, 2020, n.p). Nessas subidas ao seu quarto, a interação entre o coronel e o ascensorista começaram a fluir, sempre conversavam sobre suas vidas servindo ao exército, porém, o coronel não passava desse assunto e nunca comentava sobre sua vida pessoal.

Mais adiante da narrativa, o personagem começa a perceber que o coronel não estava mais usando o elevador e não passava mais nos corredores do hotel:

Um dia, em fevereiro, não transportei o coronel no elevador e, como ele era metódico como um relógio, estranhei seu sumiço. Supondo que tivesse se ausentado por uns dias, não tornei a pensar no assunto [...] (Baldwin, 2020, n.p).

Após esse sumiço, a tensão se torna importante para explorar as mais diversas imaginações que a psique humana tem o poder de criar, é visto essa mesma concepção em Martinho (2010, p. 55), que afirma que a “ficção gótica engaja-se simbolicamente nesta exploração psicológica, penetrando nas regiões da imaginação onde o irracional é base coerente”.

Assim, sem muita explicação do real motivo do desaparecimento do coronel, os dias foram passando, e o ascensorista já tinha parado de pensar no assunto, mas em um momento acabou escutando que o coronel estava doente e ficou aliviado em entender o porquê de seu sumiço. Porém, pouco tempo depois, após uma noite exaustiva de trabalho, o ascensorista escutou a campainha tocar vindo do quarto andar:

Quando meu turno chegou ao fim e eu estava prestes a desligar a luz do elevador, trancar a porta e deixar a chave no escritório para o sujeito que assumia o trabalho pela manhã, a campainha elétrica soou. Olhei o painel e vi que o chamado vinha do quarto andar. O relógio bateu meia-noite quando entrei no elevador. Enquanto passava pelo segundo andar e o terceiro, especulei quem teria chamado tão tarde, imaginando que devia ser um hóspede novo, que não conhecia as regras do hotel. Porém, quando parei no quarto andar e abri a porta do elevador, deparei com o coronel Saxby, envolto em sua capa militar (Baldwin, 2020, n.p).

Esse momento se torna “chave” na narrativa, pois o reaparecimento do coronel, em uma noite fria, cria uma tensão palpável entre o ascensorista e o Porteiro, estabelecida logo no início do conto. A partir do momento em que ele retorna a usar o elevador, sua presença é marcada por uma mudança notável, intensificando ainda mais a atmosfera de suspense e mistério:

A sombra do chapéu ocultava seus olhos, mas a luz iluminava em cheio a parte inferior do rosto, que ostentava uma palidez mortal, tornando ainda mais descorada a cicatriz em sua face. “Feliz em vê-lo melhor, senhor”, disse eu, mas ele não respondeu nada, então evitei olhá-lo novamente (Baldwin, 2020, n.p).

Mesmo com receio, o ascensorista tenta o contato com o Coronel Saxby, era como se ele não estivesse no elevador, que por sua vez, não fala nada e nem olha para ele. Isso faz com a atmosfera do conto se torne mais tensa, partindo dos acontecimentos que vão ocorrer após o reaparecimento do Coronel Saxby:

Ele permanecia parado como uma estátua, embrulhado em sua capa, e confesso que fiquei aliviado quando abri a porta para que saísse. Eu o cumprimentei, e ele passou por mim, avançando em direção à porta. “O coronel quer sair”, avisei ao porteiro, que o fitava. Ele abriu a porta da frente, e o coronel Saxby saiu para a noite coberta de neve (Baldwin, n.p).

Diante disso, após sua saída, o ascensorista não entende por qual motivo o coronel estava saindo ao meio da noite sem falar nada, e de imediato pergunta para o porteiro se ele viu o mesmo: “Que saída mais estranha”, comentou o porteiro. “Pois é”, concordei.” (Baldwin, 2020, n.p). Assim, o porteiro, inserido na narrativa apenas no final do conto, concorda com o ascensorista, e fica curioso com o que está acontecendo ali. Minutos depois do coronel sair do hotel, os dois funcionários, que já sentiram uma tensão com a saída do coronel, tentam conter seus sentimentos e voltam ao trabalho, mas em pouco tempo novas pessoas na porta do hotel:

Enquanto conversávamos, a campainha da porta soou, estridente. “Chega de passageiros para mim”, falei, e estava de fato apagando a luz daquela vez quando Joe abriu a porta para dois cavalheiros, que logo identifiquei como médicos (Baldwin, n.p).

Após a entrada repentina dos médicos, o ascensorista, sem conseguir entender o que está acontecendo, segue os médicos em direção ao quarto andar do prédio, e é nesse momento que a narrativa tem seu desfecho final:

Leve-nos depressa ao quarto andar”, ordenou ele, enquanto entravam no elevador às pressas. Quando abri a porta, correram direto para o quarto 210. Uma enfermeira veio ter com eles, e o médico robusto disse: “Espero que não tenha piorado”. Ouvi a resposta da moça: “O paciente faleceu há cinco minutos, senhor” (Baldwin, n.p).

Nesse ponto da história, o ascensorista, incrédulo com o que escuta, recusa-se a acreditar que o corpo no quarto seja o do coronel, cujo tinha acabado de ver saindo do hotel. Com isso, ele começa a questionar aos médicos e afirmar que o coronel não era a pessoa que estava no quarto: “deve haver algum engano aqui, senhores; o coronel desceu comigo quando o relógio bateu meia noite e saiu logo em seguida” (Baldwin, 2020, n.p). Seguindo a narrativa, de imediato o médico afirma que ele possa ter se confundido com outro hóspede, o ascensorista, por outro lado, tende a não acreditar e tenta convencer novamente aos médicos de que ele estava certo:

“Desculpem-me, senhores, mas era o coronel, sim. O porteiro noturno, que abriu a porta para ele, o conhece tão bem quanto eu. Usava trajes condizentes com uma noite como a de hoje e estava envolto em uma capa militar.” “Entre e veja por si mesmo”, disse a enfermeira (Baldwin, 2020, n.p).

Neste aspecto, ele entra no quarto e se depara com o coronel morto em sua cama, e com as mesmas vestimentas que ele tinha o visto descer ao elevador a pouco tempo: “segui os médicos quarto adentro e encontrei o coronel Saxby, exatamente

como eu o vira havia poucos minutos” (Baldwin, 2020, n.p). Assim, o ascensorista começa a se questionar se o que aconteceu teria sido um delírio compartilhado com seu colega de trabalho. Diante desse acontecimento, ele passa o restante da noite com medo e receio do que aconteceu: “Não preguei os olhos naquela noite” (Baldwin, 2020, n.p).

No dia seguinte, de volta ao trabalho, o ascensorista, que tremia de medo, ainda estava confiante que a qualquer momento o coronel poderia voltar:

No dia seguinte, toda vez que a campainha do elevador soava, estridente e repentina, eu começava a transpirar e a tremer. Sentia-me tão mal como na primeira vez em que estive em combate (Baldwin, 2020, n.p).

O desfecho da na narrativa retrata-se aqui, pois o relato do ascensorista e do porteiro ao chefe sobre o acontecimento da noite anterior não é levado a sério. O chefe os adverte: “Nem pensem em comentar isso com alguém! O hotel ficará vazio em uma semana” (Baldwin, 2020, n.p.). Após essa conversa, o caixão chega ao hotel, quase não cabendo no elevador devido à altura do coronel. Nesse instante, o ascensorista volta a sentir a mesma inquietação que experimentou na noite anterior: “A porta se abriu sem ruído e seis homens transportaram o comprido caixão pelo corredor, apoiando-o no chão com os pés em direção à porta do elevador” (Baldwin, 2020, n.p.). Embora relutante, ele é obrigado por seu chefe a ajudar a levar o caixão.

Por fim, após essa noite sombria, o ascensorista, ainda assustado com a situação, conclui: “Ao que parece, esta foi sua última vez operando o elevador” (Baldwin, 2020, n.p.), enquanto o porteiro decide pedir demissão.

Dessa maneira, o conto deixa em aberto o verdadeiro motivo do desfecho: embora seja afirmado que o Coronel Saxby morreu, não é esclarecido se foi ele quem desceu do elevador minutos antes de ser encontrado em seu quarto. Essa ambiguidade contribui, assim, para a atmosfera de mistério que permeia toda a narrativa.

4.3 Uma análise a partir de possíveis alucinações entre os personagens dos dois contos

Realizando comparações entre as obras *Napoleão e o Espectro* (1833), de Charlotte Brontë, e *O Mistério do Elevador* (1895), de Louisa Baldwin, é possível estabelecer diálogos entre os contos, especialmente no que diz respeito às alucinações e delírios dos personagens.

Ambos os contos exploram temáticas de suspense e terror ao longo de suas narrativas, embora cada um apresente particularidades que geram diferentes níveis de apreensão. De tal modo, essa construção provoca curiosidade no leitor, uma vez que os desfechos em ambos os contos permanecem em aberto, sendo narrados exclusivamente pela perspectiva de personagens que podem estar delirando.

De início é importante observar a forma que ambos os contos são escritos, pois eles não só influenciam na narrativa geral, mas também podem impactar na interpretação dos leitores. Em *Napoleão e o Espectro* (1833), o conto é narrado em terceira pessoa, um narrador imparcial, que não está inserido emocionalmente na narrativa. Por outro lado, em *O Mistério do Elevador* (1895), existe o narrador-personagem, que influencia ativamente na visão do leitor, no seu ponto de vista é possível sentir explicitamente o que o personagem está sentindo.

Ambos os contos apresentam uma narrativa que a princípio não assusta, deixando uma tensão na história, além de permitir que o leitor fique curioso sobre o

que acontecerá posteriormente. Em *Napoleão e o Espectro* (1833), a estranheza se manifesta logo no início, quando o personagem principal ouve um som inquietante vindo de seu quarto: “enquanto o amaciava, ouviu um murmúrio fraquinho perto de sua cabeceira” (Brontë, 2020, n.p), gerando, assim, um sentimento de tensão que está por vir mais adiante na narrativa.

Por outra perspectiva, no conto *O Mistério do Elevador* (1895) a “criatura”, descoberta como o espectro de modo subsequente, não se revela imediatamente; no entanto, o narrador insinua que algo está prestes a acontecer. Assim, com essa fala, cria-se um clima de suspense, que sugere a iminência de eventos misteriosos.

Toda essa construção, anteriormente mencionada, enfatiza os personagens enigmáticos presentes nos contos. Primeiramente, em *Napoleão e o Espectro* (1833) é visto o primeiro momento de apreensão quando Napoleão deduz que não viu nada, mas a “criatura” fala novamente com uma voz sarcástica, instigando em mais um momento de apreensão. Esse impacto ocorre quando a criatura se revela como um ser monstruoso:

Quando a voz cessou, uma silhueta nascia em frente ao seu olhar estupefato. Era a forma de um homem alto, magro, vestido em um sobretudo azul com detalhes dourados. Usava uma gravata preta bem firme ao redor do pescoço, presa por dois pregadores, um de cada lado. Seu semblante era furioso, sua língua projetava-se através dos dentes, e os olhos vidrados e injetados de sangue quase saíam de suas órbitas (Brontë, 2020, n.p).

Em contraste com essa obra, cuja criatura é apresentada de maneira explícita como diferente do que é considerado “normal”, em *O Mistério do Elevador* (1895), a criatura aparece de forma mais sutil. Assim, não possui características grotescas, em vez disso, é simbolizada por um homem com um semblante frio que gera tensão no ambiente, que a autora descreve ter uma “palidez mortal”.

Diante dessas duas perspectivas, é permissível analisar diferentes vertentes do gótico nas narrativas: uma que explora o sobrenatural com características clássicas do medo e outra que investiga temáticas relacionadas à loucura e à mente humana dos personagens.

Ao final dos dois contos, o verdadeiro propósito das criaturas permanece obscuro; elas aparecem apenas para os protagonistas. No desfecho, ambos os contos terminam com os protagonistas incapazes de acreditar no que vivenciaram na noite anterior. Em *Napoleão e o Espectro* (1833), o personagem principal entra em um estado de negação, enquanto em *O Mistério do Elevador* (1895), o protagonista decide pedir demissão.

Por fim, essas obras exemplificam como Charlotte Brontë e Louisa Baldwin utilizam elementos góticos para explorar medos profundos e questionar a percepção da realidade através das experiências dos personagens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base neste estudo, o presente artigo teve como objetivo analisar contos de terror de duas escritoras vitorianas – Charlotte Brontë e Louisa Baldwin – como ferramentas de investigação literária. Esses contos, ao longo dos anos, foram “perdidos”, mas permitem explorar como histórias distintas se conectam em suas abordagens.

Assim, analisaram-se como os personagens das duas narrativas reagem ao encontrarem criaturas sombrias, com destaque para vertentes de estudos sobre a psique humana/fantasmagórico. A partir desse estudo, conseguiu-se atingir o objetivo estabelecido, observando que os personagens seguem um padrão similar no desenvolvimento das tramas.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi essencial compreender o contexto da época, observando como ele influenciava o cotidiano das mulheres vitorianas, frequentemente marginalizadas. Além disso, também foi investigado como o período vitoriano influenciou nas características da literatura gótica, que então se abriu a novas discussões. Especificamente, nesta pesquisa, compreendemos as contribuições das autoras escolhidas, Charlotte Brontë e Louisa Baldwin, que desempenharam um papel fundamental para a literatura de sua época e atual.

Além disso, foram examinadas as duas obras de terror em questão, *Napoleão e o Espectro* (1833) e *O Mistério do Elevador* (1895), em cada uma, interpretou-se as narrativas a partir dos possíveis delírios dos personagens e, posteriormente, analisou-se como essas experiências se relacionavam. Com isso, ambas demonstraram uma conexão entre si, cuja narrativa começa de forma tranquila, mas se intensifica ao longo da história.

No primeiro conto – *Napoleão e o Espectro* (1833) –, uma “criatura” surge logo no início, enquanto, no segundo – *O Mistério do Elevador* (1895) –, apenas se insinua que algo está por vir. Ao final, as autoras deixam o desfecho em aberto, sem confirmar se as “aparições” foram reais ou fruto da imaginação dos personagens.

Portanto, ao abordar o gótico, é importante observar as diversas possibilidades que esse movimento literário e artístico oferece, assim como as questões sobrenaturais, presentes nessas narrativas. Além disso, por meio das duas escritoras vitorianas aqui representadas, podemos observar suas contribuições para o gênero, sobretudo, como mulheres escritoras e admiradoras da literatura.

1. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariany Lopes. **Literatura de terror e horror: a composição da personagem e a figuração do medo em a metade sombria, de Stephen King.** Trabalho de conclusão de curso em Letras- Português. Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC – Goiás), 2023. Disponível em: <<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/6307>>. Acesso em: 10/11/2024

AMARAL, Adriana. Espectros da ficção científica. A herança sobrenatural do gótico no cyberpunk. **Revista Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 38, p. 1-15, 2004. Disponível em: <https://revistas.unisinus.br/index.php/versoereverso/article/view/7324>. Acesso em: 18 ago.2024

ANDERSON, Gabriela Oliveira. **Design de um produto pictórico multidimensional de histórias fictícias: o mundo imaginário da paralisia do sono.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado Design) - Escola Politécnica da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS), Goiânia, 2021.

BOTTING, Fred. **Gothic.** 1. ed. Londres: Routledge, 1995. 224 p. ISBN-10: 0415092191.

CAPUTO, Elieni Cristina da Silva Amorelli; JUNQUEIRA, Maria Aparecida. **O retrato de dorian gray: um pacto entre arte e vida.** In: 71 Reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), 2019, Campo Grande. Anais eletrônicos 71 reunião anual da SBPC. 21 a 27 de julho de 2019. São Paulo: SBPC, 2019. ISSN: 2176-1221 Disponível em: <<https://livro.sbpnet.org.br/71ra/index.htm?fbclid=IwAR07yT0HfmFJCKrKUuBr2hC7N05yccUmKffSz9omLmJkLrkTpA37OmOP2qM>>. Acesso em: 07 out.2024

CARDOSO, Paula Fabiana Melo; SOUSA, Elaine do Nascimento. Um estudo sobre a literatura gótica e a obra Frankenstein de Mary Shelley. **Revista Científica Semana Acadêmica**, Fortaleza, v.1, p. 1-12, 2018. ISSN 2236-6717. Disponível em: <<https://semanaacademica.org.br/artigo/um-estudo-sobre-literatura-gotica-e-obra-frankenstein-de-mary-shelley>>. Acesso em: 10/11/2024.

FABRÍCIO, Cybelle Leal. **Marginalização feminina na era vitoriana representada no romance Tess, de Thomas Hardy.** 2015. 21f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Amazonas. Amazonas, 2015.

FERNANDES, Auricélio Soares. **Espelhos e retratos de Dorian Gray em Penny dreadful: configurações do gótico na construção do personagem de Oscar Wilde e de John Logan.** Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2020.

FRANÇA, Júlio. **O Gótico e a presença fantasmagórica do passado.** In: XV Encontro da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2017, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos do XV encontro ABRALIC. 19 a 23 de setembro de 2016. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2016. v. 1. p. 2492-2502. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491403232.pdf. Acesso em: 25 set.2024

FRANÇA, Júlio. **Processos de composição da personagem na ficção gótica: as figurações do monstro humano.** Disponível em: <https://www.academia.edu/37885702/Processos_de_composi%C3%A7%C3%A3o_da_personagem_na_fic%C3%A7%C3%A3o_g%C3%B3tica_as_figura%C3%A7%C3%B5es_do_monstro_humano>. Acesso em: 07 out.2024

FRITSCH, V. H. de C.; MAGGIO, S. S. Apresentação: o período vitoriano: rastros históricos e literários (à guisa de apresentação). **Revista Organon**, Porto Alegre, v. 33, n. 65, p. 1-4, 2018. DOI: 10.22456/2238-8915.88814. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/88814>. Acesso em: 31 out.2024

GASKELL, Elizabeth. **Vida de Charlotte Brontë.** Trad. Amanda Magri. Vitória: Pedrazul, 2020. 416 p. ISBN: 978-85-66549-812.

GIL, Carlos Antônio. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social.** 6º edição. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008. 31 set.2024

GONÇALVES, Alanis. Razão em face da paixão: liberdade emocional em Jane Eyre, de Charlotte Brontë. **Revista Língua, literatura e ensino**, v. 14, p. 33-42, jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/lle/article/view/6524>. Acesso em: 31 set.2024

GUIMARAES, Paula Alexandra. **Problematizando o humano e antecipando o pós-humano: De Blake e os Shelleys a Dickens e a Wells - da poesia à ficção.** Revista 2i: Estudos de identidade e intermedialidade, v. 2, n. 2, p. 125-139, 2020. ISSN-e 2184-7010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7812919>. Acesso em: 18 out.2024

HELOISA, Marcia. Org. **Vitorianas macabras.** Trad. Marcia Heloisa. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2020. 384 p. ISBN: 978-85-9454-193-2.

MARTINHO, Cristina Maria Teixeira. **A Fantasia Gótica e seus Actantes Históricos.** Revista Mosaico, v. 1, n. 1, p. 43-57, 2010. DOI:10.21727/rm.v1i1.110. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/110>. Acesso em: 04 out.2024

NASCIMENTO, Aline Oliveira do. **Dos fantasmas à metaficção: da novela A volta do parafuso (1898) à minissérie A maldição da mansão Bly (2020).** Tese (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande, 2024.

RAMOS, Amanda Pereira; OLIVEIRA, Thaís Rodrigues. **Terror e horror como ferramentas de construção do medo: Da apreensão à realização.** Anais eletrônicos do VII SAU - Semana de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG), de 11 a 14 de setembro de 2018, Laranjeiras. v. 5, n.1, p. 66-68. ISSN: 2238---3743. Disponível em: <<https://www.anais.ueg.br/index.php/sau/article/view/12119> >. Acesso em: 10/11/2024

SALLES, Karina dos Santos. **Penny bloods: o horror urbano na ficção de massa vitoriana.** 2015. Tese (Mestrado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2015.

SANTANA, Luciana Wolff Apolloni; SENKO, Elaine Cristina. Perspectivas da era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, [S. l.], n. 10, p. 189–215, 2016. DOI: 10.24858/209. Disponível em: <https://www.dialogosmediterrânicos.com.br/RevistaDM/article/view/209>. Acesso em: 31 set. 2024.

SILVEIRA, Denise Tolfo; GERHARDT, Tatiana Angel. **Métodos de pesquisa**. 1ª edição, Rio Grande do Sul: Editora UFRGS, 2009.

SCHMITT, Juliana. **Mortes Vitorianas: Corpos, Luto e Vestuário**. São Paulo: Alameda Editorial, 2010. 198 p. ISBN: 978-857-939-033-3

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Francisco de Assis e Jailma Franco, educadores que serviram de inspiração para minha vida acadêmica, e sobretudo, agradeço por me apoiarem todos os dias, independentemente de qualquer coisa, sempre fizeram de tudo por mim com todo amor e cuidado.

As minhas irmãs, Ariadna Franco e Angelita Franco, que me ajudaram a passar por essa graduação com leveza.

As minhas avós, Maria das Graças e Francisca Maria, que mesmo não entendendo muito sobre graduação, sempre me apoiaram na vida estudantil.

Ao meu avô, José Franco (*in memoriam*), que por forças superiores não presenciou minha entrada na universidade, mas sempre viverá no meu coração.

A minha filha de “quatro patas” Pandora por tornar essa jornada leve e agradável todas as vezes em que eu voltei para casa.

As minhas colegas e amigas de curso, Joice Rodrigues, Jocely Matias e Leticia Xavier, obrigada por compartilhar as inseguranças, medos, alegrias, “loucuras” e momentos felizes que vivemos todas as tardes.

À Talita Basílio, Amanda Nunes, Bruno Gomes, Dayane Marques, Irla Pereira e Emanuela Lacerda, que me acompanharam e me ajudaram durante meu processo acadêmico.

À minha orientadora, Aline Oliveira, que acolheu a minha ideia e me ajudou a realizar essa pesquisa de maneira prestativa e atenciosa e que irei levar seus conhecimentos pro resto da vida.

À banca examinadora, por compartilhar suas críticas valiosas para essa pesquisa.

Agradeço a todos, sem vocês não seria possível realizar esse trabalho.